



A CIÊNCIA DA RELIGIÃO COMO DISCIPLINA AUTÔNOMA:
uma história epistemológica e o resgate da proposta de Joachim Wach

THE STUDY OF RELIGION AS AN AUTONOMOUS DISCIPLINE:
an epistemological history and the rescue of Joachim Wach's proposal

LA CIENCIA DE LA RELIGIÓN COMO DISCIPLINA AUTÓNOMA:
una historia epistemológica y el rescate de la propuesta de Joachim Wach

Mailson Fernandes Cabral de Souza*

Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.
Igarassu, PE, Brasil.
E-mail: mailsoncabral@yahoo.com.br
ORCID: 0000-0001-8526-4520

RESUMO

O presente ensaio visa elaborar uma história das discontinuidades e recorrências da concepção de Ciência da Religião como disciplina autônoma no Brasil. Para isso, recorreremos a um exame de textos que reconstituem a história da área no país e que estão engajados no debate sobre a sua autonomia disciplinar. Somado a isso, realizamos um resgate do pensamento de Joachim Wach acerca dos pressupostos que caracterizam a disciplinaridade da Ciência da Religião. Ao analisar os desafios enfrentados por Wach em sua época, podemos concluir que eles não são tão diferentes daqueles encontrados no contexto brasileiro na atualidade. Defendemos que, por meio da tentativa de refazer os percursos e percalços trilhados pela concepção da Ciência da Religião como disciplina autônoma, é possível ampliar o conjunto dos recursos teóricos e metodológicos de que dispomos para compreender a prática científica à que nos vinculamos. Propomos esse trabalho de reconstituição histórica e conceitual embasados na Epistemologia Histórica praticada por Georges Canguilhem.

Palavras-chave: Ciência da Religião. Autonomia disciplinar. Epistemologia Histórica. Joachim Wach.

ABSTRACT

This essay aims to elaborate a history of the discontinuities and recurrences of the conception of Study of Religion as an autonomous discipline in Brazil. To do so, we resorted to an examination of texts that reconstitute the history of the area in the country and that are engaged in the debate about its disciplinary autonomy. Added to this, we rescue Joachim Wach's thoughts about the assumptions that characterize the disciplinarity of the Study of Religion. When analyzing the challenges faced by Wach in his time, we can conclude that they are not so different from those found in the Brazilian context today. We argue that, through an attempt to retrace the paths and obstacles followed by the conception of the Study of Religion as an autonomous discipline, it is possible to expand the set of theoretical and methodological resources we have to understand the

* Doutorado, mestrado e graduado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco.

scientific practice to which we are linked. We propose this work of historical and conceptual reconstruction based on the Historical Epistemology practiced by Georges Canguilhem.
Keywords: *Study of Religion. Disciplinary autonomy. Historical Epistemology. Joachim Wach.*

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo elaborar una historia de las discontinuidades y recurrencias de la concepción de la Ciencia de la Religión como disciplina autónoma en Brasil. Para ello, recurrimos a un examen de textos que reconstruyen la historia del área en el país y que se involucran en el debate sobre su autonomía disciplinaria. Sumado a esto, rescatamos el pensamiento de Joachim Wach sobre los supuestos que caracterizan la disciplinariedad de la Ciencia de la Religión. Al analizar los desafíos que enfrentó Wach en su época, podemos concluir que no son tan diferentes de los que se encuentran en el contexto brasileño actual. Sostenemos que, a través de un intento de desandar los caminos y obstáculos seguidos por la concepción de la Ciencia de la Religión como disciplina autónoma, es posible ampliar el conjunto de recursos teóricos y metodológicos con los que contamos para comprender la práctica científica a la que estamos vinculados. Proponemos este trabajo de reconstrucción histórica y conceptual basado en la Epistemología Histórica practicada por Georges Canguilhem.

Palabras Clave: *Ciencia de la Religión. Autonomía disciplinaria. Epistemología histórica. Joachim Wach.*

1 INTRODUÇÃO

Nós, cientistas da religião brasileiros, quem somos hoje? E que momento é este que vivemos em nossa prática científica? Sob a luz desses questionamentos, o problema de reconstituir uma história da Ciência da Religião se inscreve na tentativa de responder em que consiste a *atualidade* do que somos no interior desse território científico. Retraçar essa história se torna imprescindível para nós, visto que na Ciência da Religião produzida no Brasil persiste uma “desconexão entre a prática científica à qual nominalmente nos vinculamos e os nossos modos dominantes de apreendê-la, fazendo com que os cientistas da religião se tornem estranhos em relação à história epistemológica da disciplina que lhes é constitutiva” (Souza, 2023, p. 454). Tal desconexão, que se expressa pelo desconhecimento da história, teorias, métodos e autores próprios à Ciência da Religião, acabou por gerar uma lacuna na reflexão epistemológica produzida no cenário nacional que ressoa no debate atual.

Diante desse quadro, dois modos de se posicionar nessa discussão se tornaram preponderantes, sobretudo nas últimas duas décadas. De um lado, realça-se a contínua abertura da Ciência da Religião para as demais Ciências Humanas e Sociais como sua principal característica (Silveira, 2016); do outro lado, desponta a mobilização pelo resgate da história internacional da área como meio de afirmar a autonomia disciplinar da Ciência da Religião (Stern; Costa, 2017). Essas posições não possuem a mesma idade teórica e aceitação no Brasil, sendo a mobilização em favor da interdisciplinaridade maior e anterior à defesa da disciplinarização. Isso pode ser exemplificado pelo fato de que, embora seja

significativo o volume de disciplinas e atividades que evocam a interdisciplinaridade nos projetos pedagógicos dos programas de pós-graduação da área, nem sempre é evidente sob que concepção de disciplinaridade eles se ancoram (Almeida, 2022).

Em outras palavras, existe uma fragilidade nas compreensões institucionais acerca da Ciência da Religião como disciplina autônoma, sendo não raras vezes a interdisciplinaridade evocada como um subterfúgio diante da pergunta pelos elementos que caracterizariam a especificidade da Ciência da Religião. Seguindo esse raciocínio, convergimos com Silva e Senra (2021, p. 10) quando afirmam que “não haverá significativo avanço no processo de consolidação da disciplina ciência da religião em nosso país enquanto persistir certa recusa do reconhecimento do seu percurso intelectual”. O reconhecimento que está em jogo é o da elucidação da trajetória dessa disciplina e, por conseguinte, o do entendimento de como nós, cientistas da religião, chegamos a ser o que somos. A historicidade dessa prática científica, sob essa ótica, assume um papel fundamental:

[...] certamente, o diálogo com essa nossa história se apresenta como um capítulo em relação ao qual não podemos nos manter indiferentes. Não se constitui um campo disciplinar sem o reconhecimento de que toda ciência e seus pressupostos têm história e de que todo debate teórico-metodológico seja também um debate político-acadêmico (Silva; Senra, 2021, p. 29).

Nessa perspectiva, o presente ensaio visa contribuir para o avanço da discussão realizada em nosso país sobre a autonomia disciplinar da Ciência da Religião a partir de uma reconstituição de como a concepção de disciplina emerge nesse debate. Somado a isso, realizamos um resgate do pensamento de Joachim Wach acerca dos pressupostos teórico-metodológicos que caracterizam a disciplina, a fim de fornecer uma sistematização de maior consistência e alcance sobre esse tema. Propomos esse trabalho de reconstituição histórica e conceitual embasados na Epistemologia Histórica praticada por Georges Canguilhem. Tal posicionamento, que se situa na encruzilhada entre a epistemologia e a história das ciências, obriga-nos a delinear com precisão a especificidade em que se inscreve a nossa reflexão.

2 A HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E SUA ESPESSURA EPISTÊMICA

De acordo com Rheinberger (2012, p. 111, tradução nossa)¹, “Sejam quais forem os aspectos da ciência como expressão cultural da humanidade, e que devem ser analisados e

¹ Whatever other aspects of science as a cultural expression of mankind there might be, legitimately to be analyzed and understood in their specificity, it is research that will remain at its core.

compreendidos em sua especificidade, é a pesquisa que permanece como o seu cerne”. Tal delimitação, segundo o autor, afasta a epistemologia de uma busca por essências atemporais de que as ciências possam supor consistir, para adentrar na história das ciências. A história se torna, assim, uma questão central para a epistemologia, uma vez que ela põe em evidência os problemas suscitados pelo desenvolvimento do conhecimento científico, permitindo empreender uma análise histórica das práticas discursivas das ciências, seus domínios e cronologias. Para Almeida (2016) e Souto (2019), essa articulação entre epistemologia e história das ciências encontra seu ápice nas investigações empreendidas por Georges Canguilhem (1904-1995), visto que para esse autor é a prática da atividade científica que deve servir como referência para elaborar uma história epistemológica das ciências, ou como se tornará mais conhecido, uma Epistemologia Histórica.

De acordo com Canguilhem (2012a, p. 5), cabe à epistemologia o papel de fornecer o princípio de um julgamento que permita à história das ciências elaborar a sua problemática, transmitindo-lhe “a última linguagem falada por tal ciência [...] e permitindo-lhe assim recuar no passado até o momento em que essa linguagem deixa de ser inteligível ou traduzível em alguma outra, mais distensa ou mais vulgar, anteriormente falada”. Nesse sentido, a Epistemologia Histórica assume um duplo trabalho: não só lançar a sua luz reflexiva sobre a história dos problemas científicos, como também fazer julgamentos de valor científico. O que não significa que esse juízo parte de um conhecimento em geral sobre as ciências, anteposto à própria atividade científica. Trata-se, na verdade, de um empenho para “pesquisar e fazer compreender em que medida noções ou atitudes ou métodos ultrapassados foram, em sua época, uma ultrapassagem, e, por conseguinte, em que o passado ultrapassado continua o passado de uma atividade para a qual se deve conservar o nome de científico” (Canguilhem, 2012a, p. 7). Praticar a Epistemologia Histórica, em resumo, é fazer uma história das descontinuidades e das recorrências nas filiações dos conceitos científicos, reconhecendo nas ciências o local privilegiado da organização racional do saber, o espaço da racionalidade especificamente científica.

Em sua reflexão, Canguilhem confere um papel de destaque para a *genealogia dos conceitos científicos* no processo de elaboração de uma história epistemológica. Tal ênfase conferida aos conceitos decorre do fato de que eles são, para Canguilhem (2012a), os elementos essenciais na construção das teorias científicas, e, por encerrarem uma norma operatória ou judicatória, não podem variar em sua extensão sem retificação de sua compreensão. Por essa razão, os conceitos não devem ser apresentados de forma isolada, visto que “não são nem visões do espírito, nem princípios dogmáticos, são ferramentas e

modelos” (Canguilhem, 2012a, p. 113). A atenção para a filiação dos conceitos é essencial na elaboração de uma história epistemológica, uma vez que são eles que permitem a formulação dos problemas científicos e o rastreamento das condições que os tornaram formuláveis. É somente ao reconstituir as etapas de formação de um conceito, colocando-o em relação com o seu percurso contextual e teórico, que se pode julgar o seu grau de cientificidade e objetividade.

Sob esse viés, a linguagem, tecido temporal da polêmica na história das ciências, não escapa à reflexão de Canguilhem, que tornará objeto de sua epistemologia a *historicidade do discurso científico*. Canguilhem (2012a) destaca, em suas análises, a historicidade em que uma prática discursiva se produz como um dizer verdadeiro, bem como suas regularidades e leis de transformação, centrando-se no intervalo entre a ruptura epistemológica de uma ciência e o seu estado atual. A partir do momento em que a linguagem utilizada nesse intervalo torna incompreensíveis as tentativas anteriores de rupturas, opera-se uma descontinuidade de sentido, assinalando discursivamente uma reforma no saber científico. Somado a isso, Canguilhem (1977, p. 20) acrescenta que tal olhar reconstrutivo deve ser alinhavado metodologicamente ao conceito de *recorrência*, que funciona como “jurisdição crítica sobre a anterioridade de um presente científico”, mostrando como “o passado ultrapassado continua o passado de uma atividade para a qual se deve conservar o nome de científico” (Canguilhem, 2012a, p. 7).

Em síntese, o trabalho da Epistemologia Histórica é o de restituir a temporalidade descontínua das rupturas e invenções científicas, sendo o principal benefício de praticar esse tipo de história das ciências “o de revelar a história na ciência. A história, em nossa opinião, quer dizer o sentido da possibilidade” (Canguilhem, 2012b, p. 43). E é justamente a possibilidade de pensar a Ciência da Religião para além das incompreensões que permeiam as questões relativas à história, teoria e métodos que situa a nossa investigação. Por meio do rastreamento de como emerge a concepção da Ciência da Religião como disciplina autônoma no Brasil, reconstituiremos, a seguir, o percurso histórico dessa prática científica.

3 RETRAÇANDO AS LINHAS DE UMA POLÊMICA

A presença da Ciência da Religião nas universidades brasileiras remonta a meados da década de 1960, possuindo uma dupla linhagem: a da disciplina de *História das Religiões*, ministrada por Jorge César Mota, na graduação em História da Universidade de São Paulo (Mota, 1975); e a da criação do colegiado de *Ciências da Religião* na Universidade Federal Juiz de Fora, em 1969 (Teixeira, 2012). A primeira linhagem, entretanto, não logrou êxito,

tendo se extinguido ainda no início dos anos 1980 com a aposentadoria do professor Mota, uma vez que suas posições teóricas não tiveram continuidade no curso de História da USP². É na segunda linhagem, por sua vez, que se inscreve a história dos cursos de Ciência da Religião no Brasil e a discussão em torno da autonomia disciplinar da Ciência da Religião.

Antes de prosseguirmos na história dessa linhagem, cumpre fazer um adendo. Devemos ter em mente que, fora do contexto brasileiro, as nomenclaturas Ciência da Religião, Ciência das Religiões, História da Religião, História das Religiões, Religião Comparada e Estudos de Religião são frequentemente empregadas como sinônimos para designar a disciplina acadêmica responsável pelo estudo comparado das religiões. Ainda que a expressão *Ciências da Religião* seja a mais utilizada para nomear o conjunto de cursos acadêmicos de graduação e pós-graduação surgidos no Brasil, optamos por empregar *Ciência da Religião*, visto que espelha melhor a ideia de disciplina, assim como comporta a ideia de uma formação específica. Feita essa digressão, retomemos o fio da história.

É durante a década de 1970 que encontramos a abertura dos três primeiros cursos de Ciência da Religião no Brasil: na Universidade Federal de Juiz de Fora³ (UFJF), em 1976, oferecendo o curso no nível da graduação; na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP), em 1978; e na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em 1979 – estes dois últimos ofertando o curso no nível da pós-graduação (mestrado). Por décadas, eles representaram o contingente das formações em Ciência da Religião no país – situação que se estendeu até próximo do final dos anos 1990. Segundo Mendonça (2007), a criação desses primeiros cursos não foi precedida ou acompanhada por uma avaliação histórica e crítica da prática científica a que nominalmente se vinculavam, ainda que não fossem totalmente desconhecidos os cursos em Ciência da Religião oferecidos em países como Alemanha, Holanda, Estados Unidos e França. O que foi visado no período de implementação dessas formações no país era “dar um estatuto científico e uma identidade aos estudos da religião no quadro das Ciências Humanas no Brasil” (Valle, 2007, p. 196).

² Jorge César Mota e Jorge Bertolaso Stella – o último não chegou a se tornar professor universitário, apesar de ter feito importantes contribuições no curso de História da USP – são os primeiros intelectuais brasileiros a trazerem o debate acerca da importância da Ciência da Religião para os estudos de religião realizados no âmbito universitário nacional, concebendo-a como uma disciplina a ser ministrada em cursos de História e Teologia, mas não propriamente como uma formação acadêmica específica (Souza, 2023).

³ O caso da UFJF possui uma particularidade. O departamento de Ciência da Religião foi implantado em 1971 (antecedido pelo colegiado criado em 1969), sendo oferecidas duas entradas para o bacharelado em Ciência da Religião (1976 e 1977). Entretanto, o curso foi descontinuado ainda no ano de 1977 em função de uma campanha envolvendo o clero local de Juiz de Fora e setores da UFJF contrários ao curso (Pieper, 2018). O departamento, embora não tenha sido extinto, só voltou a oferecer a formação, porém no nível da pós-graduação, no começo dos anos 1990, inicialmente com uma especialização (1991) e posteriormente como mestrado (1993). A graduação em Ciência da Religião só voltou a ser oferecida em 2012.

Ligado a isso, reside o fato de tais cursos terem nascido de uma relação ambivalente que os primeiros docentes da área mantinham com a Teologia: por um lado, procuravam se distinguir do estudo teológico dogmático e metafísico; por outro lado, estavam profundamente atrelados às perspectivas teológicas progressistas e em constante diálogo com os estudos sociológicos, antropológicos e psicológicos da religião produzidos na época (Souza, 2023). Nas palavras de Mendonça (2007, p. 209), essa “falta de uma fundamentação inicial iria provocar depois de alguns anos um debate que ainda se prolonga”.

Nesse contexto, é somente em meados dos anos 1990 que começam a se esboçar os questionamentos acerca de quais fundamentos epistêmicos estariam na base de uma formação em Ciência da Religião. Um importante fator institucional que fez emergir essa problemática é a criação, em 1995, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião (Anpter), refundada em 2007 sob a sigla Anptecre, instituição responsável por congregar os pesquisadores desses dois segmentos de pós-graduações em uma área de avaliação comum junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)⁴. Tal aliança trouxe consigo algo que, a princípio, não se revelou como um fardo: diferenciar Ciência da Religião e Teologia. Segundo Mendonça (2007, p. 209), não eram tanto questões teóricas ligadas à Teologia, mas sim “as possibilidades científicas das Ciências da Religião” que marcaram os anos iniciais da Anpter, porém ela “não teve o sucesso esperado e o assunto ficou latente” (Mendonça, 2007, p. 209). Devido às diferenças no modo de conceber o lugar e o papel da Teologia na composição de uma área comum com a Ciência da Religião, esse debate foi descontinuado na Anpter no final da década de 1990.

Mesmo que essa polêmica não tenha encontrado um consenso entre aqueles que estavam envolvidos no debate, ela teve o mérito de trazer maior visibilidade para a questão. Despontava, assim, uma reflexão mais centrada na identidade da Ciência da Religião e suas razões de existência no âmbito universitário, bem como a possibilidade de pensá-la como uma disciplina autônoma. Isso porque, até esse período, a Ciência da Religião era compreendida tão somente como um conjunto de disciplinas, tal como atesta Oliveira (1996). Ele afirma que o emprego da expressão *Ciência da Religião*, termo utilizado no programa onde lecionava (UFJF), não seria sinônimo de uma disciplina específica, porém do estudo científico dos fenômenos religiosos em toda sua pluralidade: “ao falarmos de ciência pretendemos fazer uma abordagem que, por ser científica, não é interna às religiões,

⁴ Segundo Mendonça (2008), a criação da Anpter objetivava que Teologia e Ciência da Religião conquistassem uma área de avaliação autônoma dentro da grade das Ciências Humanas, isto é, que esses programas não ficassem indefinidamente na condição de subárea na Área de Avaliação de Filosofia da CAPES – algo que só se concretizou em 2016, com a criação da Área de Avaliação de Ciências da Religião e Teologia.

mas que não se restringe a uma única disciplina. Mestre em ciência da religião é alguém que, na sua área, está apto a ensinar e pesquisar no campo da religião” (Oliveira, 1996, p. 107). O autor argumenta que essa posição era a mesma daqueles que usavam o termo *Ciências da Religião*, como os programas da PUC SP e da UMESP que, com o da UFJF, eram os únicos a ofertar essa formação até então⁵.

Esse cenário passa a se modificar no início dos anos 2000. Em pouco mais de uma década, desenrola-se uma importante etapa da expansão da Ciência da Religião no país: as linhas centrais do debate epistemológico se delineiam, cresce o número de programas de mestrados e doutorados⁶, bem como uma maior coesão institucional a esses cursos passa a ser conferida com a refundação da Anptecre – além da aproximação entre as graduações e pós-graduações em Ciência da Religião. Todavia, novos problemas emergem, especialmente no que tange à área de atuação do cientista da religião, colocando em pauta o perfil do egresso e seu espaço no mercado profissional (Souza, 2023). Nessa nova conjuntura, dois modos de pensar a identidade da Ciência da Religião se tornam preponderantes. De um lado, realça-se a aproximação com as Ciências Sociais, muitas vezes tomadas como a origem da Ciência da Religião – atitude ancorada na justificativa de que as *Ciências da Religião* constituem um campo de reflexão interdisciplinar sobre a religião. Do outro lado, desponta a compreensão da *Ciência da Religião* como uma disciplina autônoma, possuindo uma genealogia que a singulariza.

Esses dois posicionamentos, no entanto, não possuem a mesma idade teórica e aceitação no Brasil, sendo a mobilização em favor da interdisciplinaridade maior e anterior à defesa da disciplinarização. Algumas publicações nos permitem tracejar parte do debate que se desenhava no Brasil na primeira década dos anos 2000, como, por exemplo, o livro *A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*, organizado por

⁵ Uma reflexão sobre a autonomia disciplinar da Ciência da Religião não era de todo desconhecida antes dos anos 2000. Uma primeira tentativa de defesa da Ciência da Religião a partir de uma fundamentação teórica e metodológica que lhe conferisse autonomia em relação às demais disciplinas é feita por Mendonça no artigo *Fenomenologia da experiência religiosa*, publicado em 1999. Para Mendonça (1999), a tarefa fundamental da Ciência da Religião seria interpretar a experiência religiosa, sendo a Fenomenologia a abordagem que melhor permite caracterizar essa disciplina em sua singularidade, bem como compreender a religião em sua integralidade. Essa posição, todavia, vai encontrar pouquíssima ressonância nas décadas seguintes.

⁶ Em 2004, o Brasil contava com cinco programas de pós-graduação em Ciência da Religião. Além da PUC SP, da UMESP e da UFJF, foram abertos os cursos da PUC Goiás, em 1999, e o da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2002. Em 2005, surge um curso na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e, na sequência, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2006, e na PUC Minas, em 2008. Na década de 2010, mais quatro novos programas de pós-graduação foram abertos: na Universidade Estadual do Pará (UEPA) e na Faculdade Unida de Vitória (FUV), ambos em 2011, e na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na PUC Campinas, ambos em 2014. Esses programas formam o atual quadro dos cursos de mestrado e doutorado em Ciência da Religião no país – com exceção do caso da Mackenzie, que teve o programa descontinuado, encerrando suas atividades em 2020 (Souza, 2023).

Faustino Teixeira e publicado em 2001 (Teixeira, 2001). Dos dez artigos reunidos nessa obra, apenas dois deles tangenciam a questão da autonomia disciplinar da Ciência da Religião, a saber, os textos de Dreher (2001) e Usarski (2001). O que predomina no primeiro decênio do século XXI são posições semelhantes à de Camurça (2008), que entendia não existir um elemento teórico-metodológico que singularizasse a Ciência da Religião:

Diante desta perspectiva de relação umbilical entre Ciências da Religião e Ciências Humanas, uma pergunta, então, se coloca: qual seria o diferencial das Ciências da Religião, para o que se faz em relação ao tema da religião no âmbito de cada uma dessas Ciências Humanas em particular? Respondo: do ponto de vista científico-acadêmico, nenhuma! Nosso diferencial é que poderíamos oferecer uma atenção especial e uma alta concentração de saberes das Ciências Humanas ao tema da religião (respeitando a autonomia de cada ciência humana que compõe o campo, em meio a exercícios, experimentações – não obrigatoriamente necessárias – de interdisciplinaridade) (Camurça, 2008, p. 66-67).

Em resumo, a única diferença significativa da Ciência da Religião seria a concentração em uma especialidade temática. Isso faz retornar um problema levantado por Dreher (2001): o diplomado em Ciência da Religião se sentiria competente como sociológico ou filósofo da religião, por exemplo, porém não como cientista da religião enquanto tal. A posição de Camurça mobiliza a concepção de interdisciplinaridade para afastar a ideia de que a Ciência da Religião possa constituir uma disciplina autônoma⁷ e até mesmo relativiza o valor metodológico da interdisciplinaridade em função da autonomia que cada uma das Ciências Humanas que compõem as *Ciências da Religião* deveriam ter. Isso reflete a *recorrência* de um modo de pensar a Ciência da Religião que se enraíza no controverso terreno de disputas teóricas e políticas em que os cursos da área emergiram no Brasil. Em um contexto em que esse modo de pensar se torna dominante, a ideia de que a Ciência da Religião deve ocupar um lugar institucional específico na academia perde consistência, visto que “a Ciência da Religião existe como disciplina autônoma apenas na medida em que seus representantes compartilham um consenso sobre a constituição específica e o lugar próprio da sua matéria no mundo acadêmico em contraste com outras” (Usarski, 2006, p. 10).

É sobretudo a partir da publicação, em 2013, do *Compêndio de Ciência da Religião*, organizado por João Décio Passos e Frank Usarski, que a reflexão em torno da

⁷ Uma das notáveis exceções a esse uso da concepção de interdisciplinaridade é feita por Aragão (2011). Tal como Camurça (2008), ele concebe o campo epistemológico da Ciência da Religião como interdisciplinar, porém com uma distinção fundamental: a unidade para a área não reside na concentração temática sobre religião, mas sim na questão do método. Ele argumenta que as abordagens fenomenológicas e hermenêuticas são os principais métodos de aproximação do fenômeno religioso em Ciência da Religião, não podendo as pesquisas da área perderem de vista essas abordagens. Para Aragão (2011), é o estudo histórico-comparativo e fenomenológico-sistemático das religiões que marca o diferencial da Ciência da Religião, podendo ele ser articulado com as contribuições metodológicas advindas das demais Ciências Humanas e Sociais.

disciplinaridade da Ciência da Religião começa a ganhar mais força no país (Passos; Usarski, 2013). Na obra, é feito um balanço histórico-teórico e uma sistematização das temáticas abordadas pela Ciência da Religião, assumindo-se abertamente a nomenclatura no singular e o entendimento da Ciência da Religião como uma disciplina autônoma com suas diferentes subáreas de conhecimento. Após o lançamento do *Compêndio*, seguiram-se várias publicações concernentes às teorias e métodos em Ciência da Religião e acerca do perfil acadêmico e campo de atuação dos cientistas da religião (Senra, 2016); (Silveira, 2016); (Stern; Costa, 2017); (Pieper, 2018); (Cruz, 2018); (Costa, 2019), além de traduções tanto de textos clássicos da disciplina (Pettazzoni, 2016); (Tiele, 2018); (Wach, 2018); (Müller, 2020a); (Burnouf, 2021); (Saussaye, 2022) como de escritos que integram uma reflexão teórica mais contemporânea (Jensen, 2013); (Sheedy, 2016); (Pye, 2017); (Engler, 2019). Em síntese, o conjunto dessas publicações, que não tem a pretensão de esgotar a bibliografia, evidencia como o interesse pelas questões teórico-metodológicas e o resgate de autores da Ciência da Religião acompanha o fortalecimento da reflexão sobre a disciplinaridade.

Nos primeiros anos da década de 2020, tem despontado o crescimento de uma rede diversificada de entendimentos na reflexão epistemológica da Ciência da Religião, impulsionada pelo movimento de retorno aos textos clássicos que a apresentam como uma disciplina científica singular. Podemos citar como exemplo, a recente tradução para o português da *Introdução à Ciência da Religião*, de Max Müller (Müller, 2020b), obra que reúne o conjunto de palestras realizadas em 1870 pelo autor e que marcam a primeira sistematização de maior consistência da disciplina e a formalização da rede de conceitos e questões que está no cerne da Ciência da Religião. Além disso, estão em processo de tradução obras de outros importantes autores, tais como Cornelis Petrus Tiele, Joachim Wach e Jane Ellen Harrison. Esse retorno à história da disciplina, por sua vez, não se limita apenas ao reconhecimento dos autores, métodos e teorias específicos da disciplina – desconhecidos em quase sua totalidade no percurso de desenvolvimento dos cursos de Ciência da Religião em nosso país –, mas também marca a tentativa de resposta às demandas atuais enfrentadas por cientistas da religião brasileiros, com a produção de pesquisas de fôlego, como a dissertação de Castro (2021) e as teses de Silva (2021), Almeida (2022), Figueiredo (2022), Martins (2022), Costa (2023) e Souza (2023) ⁸.

⁸ Com base no conjunto desses trabalhos listados, podemos elencar os seguintes blocos de interesse: a) o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina no país; b) a análise do método e das metodologias utilizadas nas pesquisas docentes dos programas de pós-graduação da área no país; c) a ideia de uma disciplina epistemologicamente autônoma a partir de uma abordagem definicional; d) o perfil teórico-metodológico das propostas pedagógicas dos programas de pós-graduação da área no país; e) a aplicação da compreensão empática da experiência religiosa de Joachim Wach para o ensino religioso; f) a

No que tange aos embates em torno da disciplinaridade e da interdisciplinaridade na Ciência da Religião, o trabalho de Almeida (2022) nos fornece uma interessante análise. Almeida (2022, p. 15) parte da hipótese de que ainda existe, no país, “uma fragilidade quanto à autocompreensão da Ciência da Religião como disciplina e da interdisciplinaridade como método para as pesquisas nesse campo”. Com o intuito de averiguar que percepção os programas de pós-graduação da área possuem desses conceitos, Almeida (2022, p. 16) analisa as suas propostas pedagógicas a fim de “problematizar e evidenciar os dados da integração disciplinar e interdisciplinar existentes nas propostas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões) no Brasil até o momento”.

Ao avaliar esses projetos pedagógicos, Almeida (2022) chega às seguintes constatações: a) é significativo o volume de disciplinas e atividades que evocam a interdisciplinaridade nos projetos pedagógicos, entretanto, nem sempre é evidente sob que concepção de disciplinaridade eles se ancoram; b) o perfil do egresso é traçado sem uma conexão real com as demandas do mercado de trabalho, restringindo-o unicamente à docência; c) a arquitetura curricular dos cursos geralmente deixa a desejar no que tange a caracterização da disciplinaridade da Ciência da Religião. Sobre esse último ponto, é ressaltado que “não é possível haver desenvolvimento interdisciplinar sem a presença de disciplinas que sustentem a epistemologia da disciplina de referência” (Almeida, 2022, p. 180). Essas constatações levam Almeida (2022, p. 187) a concluir que embora a Ciência da Religião seja uma disciplina autônoma, isso em alguma medida “parece pouco evidente nas propostas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil”, existindo, na verdade, diversas incompreensões disciplinares.

Contrastando os resultados de Almeida (2022) com a reconstituição do percurso histórico da concepção da Ciência da Religião como disciplina autônoma que trilhamos, é possível argumentar que apesar de existir um crescente movimento em prol da disciplinaridade por parte de vários cientistas da religião brasileiros, é propriamente no campo institucional que persiste o maior foco de incompreensões sobre a autonomia disciplinar da Ciência da Religião. Para esse estranho impasse, parece se aplicar o seguinte adágio: “continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, *temos* que nos mal-entender” (Nietzsche, 1998, p. 7). No entanto, permanecer em nossas incompreensões não precisa ser o nosso destino final, pois a possibilidade para novas partidas não está fechada. Podemos buscar no movimento de retorno à história da Ciência

descrição da gênese e desenvolvimento do método comparativo no estudo das religiões pensado por Raffaele Pettazzoni; g) a análise da produção dos discursos referentes ao objeto, métodos e filiações conceituais da disciplina no país.

da Religião os meios para criar linhas de fuga pelas quais escapemos das incompreensões que nos enredam. O modo como Joachim Wach analisa a questão da disciplinaridade pode nos ajudar a traçar essa rota.

4 A AUTONOMIA DISCIPLINAR PENSADA POR JOACHIM WACH

Ao longo de décadas, a obra de Joachim Wach (1898-1955) tem suscitado o interesse de diversos pesquisadores no cenário internacional da Ciência da Religião, estando o seu nome situado entre os autores clássicos da disciplina, tais como Max Müller, Cornelis Petrus Tiele, Chantepie de la Saussaye, Gerardus van der Leeuw, William Brede Kristensen, Raffaele Pettazzoni, Mircea Eliade e Wilfred Cantwell Smith. Apesar disso, Joachim Wach ainda é pouco conhecido pelos cientistas da religião brasileiros, tendo seus trabalhos citados por poucos pesquisadores. Conforme argumenta Martins (2022), ao menos dois fatores ajudam a explicar esse desconhecimento: o primeiro, decorreria da própria formação dos cursos de Ciência da Religião no país que, durante a segunda metade do século XX, foram profundamente influenciados pelas demandas advindas da Teologia da Libertação e conferiam maior ênfase aos autores oriundos das Ciências Sociais. Já o segundo fator, relaciona-se aos poucos textos de Wach traduzidos para a língua portuguesa (Wach, 1990; 2018), dificultando a circulação de suas propostas no Brasil.

Segundo Kitagawa (1988), a trajetória acadêmica de Wach pode ser dividida em ao menos três fases. Na primeira década de sua carreira (1924-1934), Joachim Wach lecionou na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Porém, com o advento do nazismo, ele foi perseguido devido à sua ascendência judaica, perdendo seu cargo de professor, migrando para os Estados Unidos da América, onde lecionou inicialmente na Brown University e, posteriormente, na Universidade de Chicago. Em seu exílio, Wach desenvolveu mais dois momentos de reflexão teórica: um, voltado para a articulação sistemática dos dados da experiência religiosa, elaborando uma Sociologia da Religião para a Ciência da Religião (1935-1944), e outro, atento para a compreensão da experiência religiosa a partir de uma aproximação entre Ciência da Religião, Teologia e Filosofia da Religião (1945-1955).

No período que marca a primeira fase de seu pensamento, Wach empreende um exame crítico dos fundamentos da Ciência da Religião, elegendo a questão da emancipação da disciplina em relação aos demais estudos humanísticos como o problema central de sua

tese de habilitação para professor na Universidade de Leipzig, em 1924⁹. Nessa investigação, o autor elenca alguns dos principais problemas que marcavam o desenvolvimento da disciplina: os embates travados com a Teologia para a consolidação institucional da Ciência da Religião, a difícil recepção do estudo comparado das religiões na Alemanha e as relações fronteiriças nem sempre muito precisas que a Ciência da Religião possuía com outras disciplinas, como a Filosofia da Religião, História e Filologia. Para Wach (1988), o principal impasse ocasionado pela aproximação indiscriminada da Ciência da Religião com tais disciplinas, seria o fato que os praticantes da Ciência da Religião não possuíam interesse na autonomia da disciplina, estando mais preocupados com a manutenção de suas disciplinas de origem do que com a autonomia da Ciência da Religião – situação agravada pelo fato da Ciência da Religião não constituir uma formação acadêmica específica nesse período. Esses embaraços resultaram em controvérsias conceituais e terminológicas acerca da natureza e propósito da disciplina:

Que as pessoas falem indiscriminadamente da Ciência da Religião¹⁰ (*Religionswissenschaft*), da História da Religião (*Religionsgeschichte*) e da Filosofia da Religião não é apenas uma questão de palavras. Indica que os vários assuntos não foram suficientemente distinguidos uns dos outros. Essa incerteza um tanto embaraçosa sobre o lugar, a tarefa e o significado da Ciência da Religião também pode ser vista externamente: na maneira aleatória como ela está localizada em várias divisões da universidade e na maneira como é explorada por diletantes e especuladores obscuros. Do ponto de vista político-cultural, também, essa disciplina precisa de maior clareza e distinção (Wach, 1988, p. 11, tradução nossa)¹¹.

Diante das polêmicas que se instalaram em função das imprecisões teórico-metodológicas e institucionais da disciplina, Wach apresentará o seu programa de sistematização para a Ciência da Religião. Diferentemente da Filosofia e da Teologia, que

⁹ A tese de habilitação de Wach foi publicada ainda no ano de 1924, com o título *Religionswissenschaft: Prolegomena zu ihrer wissenschaftstheoretischen Grundlegung* (Ciência da Religião: prolegômenos para sua fundamentação teórico-científica). Em 1988, essa tese foi traduzida para o inglês com o título *The History of Religions: theoretical prolegomena to its foundation as a scholarly discipline*, sendo parte do livro *Introduction to the history of religions* (Wach, 1988), obra que reúne uma coletânea de trabalhos de Wach.

¹⁰ O termo empregado por Wach para nomear a disciplina em alemão é *Religionswissenschaft* (Ciência da Religião). Porém, na publicação de suas obras do alemão para o inglês, optou-se por traduzir o termo por *History of Religions* (História das Religiões). Em nossas citações de trechos da obra de Wach, optamos por traduzir *History of Religions* por Ciência da Religião. Para mais detalhes, conferir Souza (2023).

¹¹ That people speak indiscriminately of the history of religions (*Religionswissenschaft*), the historical study of religions (*Religionsgeschichte*), and the philosophy of religion is not merely a matter of words. It indicates that the various subjects have not been sufficiently distinguished from one another. This rather embarrassing uncertainty about the place, task, and significance of the history of religions can be seen in externals, too: in the haphazard way in which it is located in various divisions of the university, and in the way it is exploited by diletantes and obscure speculators. From a cultural-political point of view, too, this discipline needs greater clarity and distinctness.

tratam do tema religião sob um viés normativo, Wach (1988, p. 19, tradução nossa)¹² argumenta que a tarefa da Ciência da Religião é o estudo, compreensão e caracterização da multiplicidade das religiões empiricamente dadas: “Isso acontece de duas maneiras: ‘longitudinalmente no tempo’ (diacronicamente) e em ‘seções transversais’ (sincronicamente), isto é, segundo seu desenvolvimento (*Entwicklung*) e segundo seu ser (*Sein*)”. Tal demarcação, para o autor, permitiria que a Ciência da Religião não fosse confundida com uma disciplina equivalente à História da Religião (*Religionsgeschichte*), visto que as questões sistemáticas estão incluídas nela, ou à Psicologia da Religião, uma vez que não é uma investigação centrada apenas no modo como a subjetividade religiosa ganha vida nas diversas religiões. Wach (1988) afirma que é unicamente através da aplicação da *suspensão de juízo* (um colocar entre parênteses) em relação à validade dos atos e conteúdo de um fenômeno religioso que o objeto da Ciência da Religião pode emergir com clareza, distinguindo-se da problemática das demais disciplinas:

O “colocar entre parênteses” [*bracketing*] que tenho defendido ocorre, ao contrário de todos os procedimentos psicológicos, em plena consciência e com ênfase explícita na natureza intencional da religiosidade. O colocar entre parênteses aplica-se não apenas, nem mesmo principalmente, aos atos religiosos, mas ao fenômeno como um todo. Inclui ato mais “conteúdo”: a doutrina e seu significado, o culto e seu significado, e a piedade e o objeto ao qual se dirige estão todos entre parênteses (Wach, 1988, p. 27, tradução nossa)¹³.

Essa suspensão de juízo permitiria à Ciência da Religião tratar tanto dos elementos racionais como dos aspectos irracionais da religião, ou seja, tratar o fenômeno religioso como um todo. Apesar disso, a questão da essência da religião não seria algo pertinente à Ciência da Religião, porém à Filosofia da Religião, uma disciplina específica e não um dos ramos da Ciência da Religião. Para o autor, as questões concernentes à essência, origem e propósito da religião não são, em si mesmas, pertinentes aos ramos da Ciência da Religião. O fato dessa problemática ter sido absorvida pelo debate teórico da disciplina teria constituído um entrave para a autonomia da Ciência da Religião, visto que ela segue uma orientação empírica em suas investigações, sendo “a totalidade dos fenômenos aos quais

¹² It does so in two ways: “lengthwise in time” (diachronically) and in “cross-sections” (synchronically), that is, according to their development (*Entwicklung*) and according to their being (*Sein*).

¹³ The “bracketing” that I have advocated takes place, in contrast to all psychologistic procedures, in full awareness of and with explicit emphasis on the intentional nature of religiosity. Bracketing applies not only, and not even primarily, to religious acts but to the phenomenon as a whole. It includes act plus “content”: the doctrine and its meaning, the cultus and its significance, and piety and the object to which it is directed are all enclosed in brackets.

atribuímos a designação geral ‘religião’ [o que] forma o objeto de uma disciplina acadêmica independente que chamamos de Ciência da Religião” (Wach, 1988, p. 44, tradução nossa)¹⁴.

Em síntese, Wach insiste no teor empírico-histórico da Ciência da Religião a fim de assegurar a sua autonomia metodológica em relação à Filosofia da Religião, alicerçada no método dedutivo. Isso, entretanto, não deve nos levar a uma visão unilateral quanto à posição teórico-metodológica da disciplina. Para Wach (1988), embora o estudo empírico da religião se atenha aos fundamentos históricos concretos das religiões – o surgimento e morte desses fenômenos, isto é, o seu *desenvolvimento* – eles só podem ser compreendidos em suas particularidades quando contrastados com “um conhecimento geral do surgimento e da queda de outras realidades espirituais” (Wach, 1988, p. 57-58, tradução nossa)¹⁵. Em outras palavras, o fato de a Ciência da Religião não possuir tarefas especulativas, não implica que o seu trabalho seja puramente descritivo. Ainda que a descrição seja um resultado significativo e imprescindível, a experiência religiosa envolve atitudes definidas e diversas formas históricas de expressão, sendo necessário mobilizar tanto o estudo descritivo como o sistemático para que ela possa ser compreendida (Wach, 1988).

Em função dessa especificidade da experiência religiosa e suas formas de expressão, Wach (1988) estrutura as frentes de trabalho da Ciência da Religião em dois ramos: o *estudo histórico das religiões*, responsável pelas descrições históricas das formações religiosas concretas, e o *estudo sistemático das religiões*, responsável pelo trabalho de sistematização e interpretação das formas de expressão religiosa (fenômenos religiosos concretos). Para o autor, o cientista da religião não deve perder de vista a dimensão sistemática da religião ao estudar suas formas históricas, bem como não deve negligenciar a historicidade dos fenômenos religiosos quando se ocupa de sua sistematização, uma vez que se tratam de tarefas complementares. Tendo em vista que os dois ramos da Ciência da Religião se articulam no processo de descrição e interpretação das religiões empíricas, Wach sintetiza sua concepção de Ciência da Religião nos seguintes termos:

A Ciência da Religião procura estudar, compreender e interpretar as religiões. Ela procurará primeiro esclarecer o seu devir, o seu surgir, o seu declínio - numa palavra, a sua história. Mas a Ciência da Religião não pode se contentar com sequências meramente históricas e com o rastreamento de desenvolvimentos. Cortes transversais devem ser feitos. O estudo sistemático, a interpretação e a apresentação devem partir de pontos centrais e decisivos. Tal estudo transcende o histórico para complementá-lo ou completá-lo; mas nos fundamentos aponta para o histórico como sua fonte, seu lar. Como resultado, a

¹⁴ the total of the phenomena to which we assign the general designation “religion” forms the subject of an independent scholarly discipline which we call history of religions.

¹⁵ a general knowledge of the rise and fall of other spiritual realities.

sistematização não é a solução definitiva; em certo sentido, ela é circunscrita pela história (Wach, 1988, p. 142, tradução nossa)¹⁶.

Em resumo, Wach defende que o objetivo central da Ciência da Religião é o trabalho de compreensão da experiência religiosa e de suas expressões, sendo a tarefa da disciplina, em última instância, uma hermenêutica do fenômeno religioso. Por esse motivo, “Os esforços dos cientistas da religião devem sempre ser direcionados para além da descrição, para a interpretação (*Deutung*) dos fenômenos” (Wach, 1988, p. 95, tradução nossa)¹⁷, sendo esse trabalho interpretativo dos dados históricos a sua última e mais difícil tarefa. Isso implicaria, portanto, na articulação de “todos os métodos e procedimentos que a disciplina desenvolveu contribuem para este empreendimento. Esforços históricos e sistemáticos se unem na abordagem do objetivo da disciplina: a compreensão das religiões” (Wach, 1988, p. 96, tradução nossa)¹⁸. Esse empenho na elaboração de parâmetros para compreender a experiência religiosa atravessará o pensamento de Wach em suas demais fases, sobretudo nos trabalhos que marcam o último decênio de sua vida, tal como em *The comparative study of religions* (Wach, 1958). Nessa obra, ele defenderá que uma compreensão integral da experiência religiosa é uma tarefa que implicaria no diálogo com outras disciplinas, tais como a Filosofia da Religião e a Teologia, contudo sem se perder de vista os aspectos analíticos que são próprios à Ciência da Religião. Tal perspectiva, que na atualidade poderíamos nomear de interdisciplinar, permite uma abordagem da experiência religiosa sem que se subtraia a disciplinaridade inerente à Ciência da Religião.

Por fim, após examinar o modo como Wach pensa a autonomia disciplinar da Ciência da Religião, podemos observar que os problemas com que ele se deparou em sua época não estão tão distantes dos impasses que hoje enfrentamos no Brasil. Nesse sentido, Wach (1988) nos faz um alerta: as condições que outrora se mostraram frutíferas para que a prática de pesquisa da Ciência da Religião emergisse em um dado contexto, podem, em outro momento, tornarem-se desfavoráveis para a reflexão teórica. Ele também nos ensina que a defesa da autonomia da Ciência da Religião é infranqueável, sendo necessário assumi-la e

¹⁶ The history of religions seeks to study, understand and interpret religions. Thus, it will first seek to clear up their becoming, their arising, their waning - in a word, their history. But the history of religions cannot be satisfied with purely historical sequences and with tracing developments. Cross-cuts must be made. Systematic study, interpretation, and presentation must proceed from decisive, central points. Such a study transcends the historical to supplement or complete it; but in fundamentals it points back to the historical as its source, its home. As a result, systematization is not the ultimate; in some sense, it is circumscribed by history.

¹⁷ The efforts of scholars of religion must always be directed beyond description to interpretation (*“Deutung”*) of phenomena.

¹⁸ All of the methods and procedures that the discipline has developed contribute to this enterprise. Historical and systematic endeavors unite in approaching the discipline’s goal: the understanding of religions.

elaborá-la conceitualmente, visto que essa questão se revela não só um problema epistemológico, mas um problema político para o qual não podemos fechar os olhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste texto, perguntávamos em que consistia o presente em que se situa a nossa prática científica e quem somos nós hoje, cientistas da religião brasileiros. Questionamentos que direcionaram o nosso modo de refazer parte da história da disciplina Ciência da Religião, situando o problema de reconstruir esse passado com a relação que mantemos com o momento presente. A história, nesse sentido, indica-nos a possibilidade de pensar uma questão da nossa atualidade. Mais precisamente, a possibilidade de pensar a Ciência da Religião praticada no Brasil para além do emaranhado de incompreensões em que ela está enredada. A investigação que empreendemos a partir da concepção de disciplina autônoma e do resgate do pensamento de Joachim Wach aponta para essa direção.

Conforme nos ensina a Epistemologia Histórica, refazer a trajetória de uma prática científica é pôr em relevo a historicidade em que ela está entretida, as regularidades e descontinuidades que marcam o seu discurso científico, analisando suas condições de possibilidade a partir de sua história interna, da produção dos seus conceitos. Nesse momento em que nos aproximamos de colocar um ponto de suspensão em nossa análise, cabe reafirmar em que consiste fazer uma história epistemológica:

[...] por trás da expressão “sabemos”, existe esta outra “nem sempre soubemos”. À sombra dessa negação ao passado, dissimula-se toda a história de uma questão. Essa história deve ser escrita como uma história e não como uma ciência, como uma aventura e não como um desdobramento (Canguilhem, 2022, p. 226).

Com efeito, muito da história de nossa disciplina ainda nos é desconhecida. Em certo sentido, o atual momento, mais que uma redescoberta, é uma descoberta. A atitude que talvez devêssemos adotar ao nos debruçarmos diante dessa história seja a de um espírito de aventura, ao invés de nela buscar um cânone que supostamente nos autorize a dar uma forma definitiva e atemporal de praticar a Ciência da Religião. É numa tentativa lúcida e lúdica de contar a história dos percursos e percalços da disciplina Ciência da Religião que podemos ampliar o conjunto dos recursos teóricos e metodológicos de que dispomos para compreender a prática científica à que nos vinculamos. Somos convidados, portanto, a viajar pelas tramas em que ao longo de mais de um século e meio tem se envolvido essa embarcação chamada Ciência da Religião. Nosso ensaio, nesse sentido, indica uma das rotas possíveis

para essa aventura, cabendo a cada cientista da religião ousar pensar, por si mesmo, novas rotas de navegação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tiago Santos. **Georges Canguilhem: combates pela história das ciências**. 2016. 223 fl. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28112016-105946/publico/2016_TiagoSantosAlmeida_VCorr.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

ALMEIDA, Tatiane Aparecida de. **Disciplinaridade e interdisciplinaridade em Ciência da Religião: estudo analítico-comparativo sobre o perfil teórico-metodológico das propostas pedagógicas dos Programas de Pós-graduação em Ciência (s) da (s) Religião (ões) no Brasil (2017-2020)**. 2022. 307 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_TatianeAparecidaDeAlmeida_3_0085_Textocompleto.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

ARAGÃO, Gilbraz. Sobre epistemologias e diálogos: fenomenologia, diálogo inter-religioso e hermenêutica. In: CRUZ, Eduardo; DE MORI, Geraldo (Orgs.). **Teologia e Ciências da Religião**. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: PUC Minas, 2011, p. 95-122.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CANGUILHEM, Georges. **Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANGUILHEM, Georges. **Estudos de História e Filosofia das Ciências: concernentes aos vivos e à vida**. São Paulo: Forense Universitária, 2012a.

CANGUILHEM, Georges. **O conhecimento da vida**. São Paulo: Forense Universitária, 2012b.

CANGUILHEM, Georges. **A formação do conceito de reflexo nos séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Córrego, 2022.

CASTRO, Leandro Evangelista Silva. **Ciências da Religião no Brasil: um estudo sobre o processo de constituição do estatuto epistemológico da disciplina**. 2021. 174 fl. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_LeandroEvangelistaSilvaCastro_29565_Textocompleto.pdf. Acesso em 01 fev. 2023.

COSTA, Márcia Maria Enéas. **Escola italiana de história das religiões: o legado do método histórico comparativo pettazzoniano entre seus sucessores**. 2023. 353 fl. Tese

(Doutorado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/28131>. Acesso em: 21 jan. 2024.

COSTA, Matheus Oliva. **Ciência da religião aplicada como o terceiro ramo da Religionswissenschaft**: história, análises e propostas de atuação profissional. 2019. 241 fl. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22356/2/Matheus%20Oliva%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2022.

CRUZ, Eduardo. A Epistemologia da Ciência da Religião: elementos para uma visão deflacionária. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, p. 14-22, jan./jun. 2018. Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18159. Acesso em: 11 nov. 2018.

DREHER, Luís. Ciência(s) da Religião: teoria e pós-graduação no Brasil. In: TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**: Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 151-178.

ENGLER, Steven. Processo de elaboração de teoria: o trabalho com o espectro teoria-dados. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 53, p. 569-588, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/20659/16458>. Acesso em 25 nov. 2022.

FIGUEIREDO, Nestor. **Religião como objeto de ciência**: a ideia de uma disciplina epistemologicamente autônoma a partir de uma abordagem definicional. 2022. 299fl. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/25212/1/NestorPintoDeFigueiredoJ%3%20banior_Tese.pdf. Acesso em 5 fev. 2023.

JENSEN, Jeppe Sinding. Epistemologia. **REVER**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 171-191, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/18418>. Acesso em: 11 abr. 2023.

KITAGAWA, Joseph. Verstehen and Erlösung. In: WACH, Joachim. **Introduction to the history of religions**: Joachim Wach. New York: Macmillan, 1988, p. ix-xxxiv.

MARTINS, Nathália Ferreira de Souza. **Por um ensino religioso empático**: proposta de aplicação da compreensão empática da experiência religiosa de Joachim Wach para o Ensino Religioso. 2022. 205 fl. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/14747/1/nathaliaferreiradesousamartins.pdf>. Acesso em: 7 set. 2023.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Fenomenologia da experiência religiosa. **NUMEN**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 65-89, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21737>. Acesso em: 18 mar. 2021.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. [entrevista cedida a] MARQUES, Ângela Cristina Borges; ROCHA Marcelo. Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil - Entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antônio Gouvêa Mendonça. **REVER**, São Paulo, p. 192-214, jan./mar. 2007. Disponível em: pucsp.br/rever/rv1_2007/p_entrevista.pdf. Acesso em: 1 nov. 2023.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O fim de um tempo: última aula na Pós-Graduação em Ciências da Religião. **Estudos de Religião**, n. 34, p. 234-248, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/232/240>. Acesso em 22 jan. 2023.

MOTA, Jorge César. A história das religiões no currículo da universidade. **Revista de História da USP**. São Paulo, v. 52, n. 103, p. 657-678, 1975. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/133171>. Acesso em: 2 nov. 2023.

MÜLLER, Friedrich Max. Primeira palestra. **REVER**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 305-329, jan./abr. 2020a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/49253>. Acesso em: 1 mar. 2021.

MÜLLER, Friedrich Max. **Introdução à ciência da religião**. Belo Horizonte: Editora Senso, 2020b.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Teologia e ciências da religião: uma área acadêmica. In: ANJOS, Márcio Fabri et al. (Orgs.). **Teologia: Profissão**. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 95-109.

PASSOS, João Décio.; USARSKI, Frank. (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

PETTAZZONI, Raffaele. O método comparativo. **Religare**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 245-265, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/32072>. Acesso em: 2 fev. 2021.

PIEPER, Frederico. Aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Religião no Brasil. Um estudo de caso. **NUMEN**, Juiz de Fora, v. 21, p. 232-291, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/45147/29885>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. **REVER**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 162-178, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/34131/23463>. Acesso em 26 mar. 2023.

SAUSSAYE, Pierre Daniël Chantepie de la. Observações preliminares sobre fenomenologia da religião. **REVER**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 197-202, mai./ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/58609/40060>. Acesso em: 2 jan. 2023.

RHEINBERGER, Hans-Jörg. A Plea for a Historical Epistemology of Research. **Journal for General Philosophy of Science**. v. 43, n. 1, p. 105-11, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23353753>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SENRA, Flávio Augusto. O teólogo e o cientista da religião. Religiografia acerca das interfaces entre Ciências da Religião ou Religiologia e Teologia no Brasil. **REVER**, São Paulo, v. 16 n. 1, p. 109-136, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/28442/19995>. Acesso em 7 mar. 2023.

SHEEDY, Matt. Ateísmo metodológico vs. Agnosticismo metodológico. **Último Andar**, São Paulo, n. 29, p. 295-303, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/31329>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SILVA, Maurílio Ribeiro da. **Ciências da Religião no Brasil**: debate epistemológico a partir do estudo religiográfico da produção docente nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião no Brasil. 2021. 474 fl. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_MaurilioRibeiroDaSilva_19041_Textocompleto.pdf. Acesso em: 31 jan. 2023.

SILVA, Maurílio Ribeiro da; SENRA, Flávio Augusto. Ciência da Religião: uma disciplina. **Estudos de Religião**, v. 35, n. 3, p. 9-37, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/1035867/8093>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Uma metodologia para as Ciências da Religião? Impasses metodológicos e novas possibilidades hermenêuticas. **Paralellus**, Recife, v. 7, n. 14, p. 73-98, jan./abr. 2016. Disponível em: www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/672/856. Acesso em: 6 ago. 2023.

SOUTO, Caio Augusto Teixeira. **Georges Canguilhem**: o devir de um pensamento. 2019. 300 fl. Tese (Doutorado em Filosofia) Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11287>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SOUZA, Mailson Fernandes Cabral. **Embates epistemológicos em Ciência da Religião**: a cartografia discursiva de uma prática científica. 2023. 506 fl. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/1733/2/Ok_mailson_fernandes_cabral_souza.pdf. Acesso em: 24 set. 2023.

STERN, Fábio Leandro; COSTA, Matheus Oliva da. Metodologias desenvolvidas pela genealogia intelectual da ciência da religião. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 70-89, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26967>. Acesso em: 24 set. 2023.

TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**: Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

TEIXEIRA, Faustino. O processo da gênese da(s) ciência(s) da religião na UFJF. **NUMEN**, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 537-550, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/2008/1459>. Acesso em: 06 mar. 2018.

TIELE, Cornelis Petrus. Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião. São Paulo, **REVER**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 217-228, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/40725>. Acesso em: 3 mar. 2020.

USARSKI, Frank. Perfil paradigmático da Ciência da Religião na Alemanha. In: TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil**: Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 233-250.

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião**. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALLE, Edênio. O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP: da sua pré-história à progressiva evolução e maioria. **REVER**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 307-323, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/45178/29880>. Acesso em: 22 jan. 2023.

WACH, Joachim. **The comparative study of religions**. Nova York/Londres: Columbia University Press, 1958.

WACH, Joachim. The History of Religions: theoretical prolegomena to its foundation as a scholarly discipline (1924). In: WACH, Joachim. **Introduction to the History of Religions**: Joachim Wach. New York: Macmillan, 1988, p. 1-150.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 1990.

WACH, Joachim. Os ramos da Ciência da Religião. **REVER**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 233-253, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/39068>. Acesso em: 6 jan. 2021.

Apoio: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 25-01-2024.

Aprovado em: 29-04-2024.

Editor de seção: Flávio Senra